

## *UNE AFFAIRE DE FEMMES*<sup>1</sup>

tradução de Flávio Ribeiro de Oliveira  
[IEL-UNICAMP]

NUTRIZ – Nunca a nau Argo, rumo a solo cólquido,  
transvoasse as Simplégades cianas!  
Jamais nos pélios lucos decaísse  
cortado pinho que virasse remo  
em mãos de bravos que o pancríseo velo  
deram a Pêlias! Pois Medéia minha  
dona às torres da terra de Iolco não  
viria, por Jasão de amor turbada;  
nem de Pêlias as filhas suadiria  
a matá-lo; aqui nunca viveria  
com seu marido e filhos, agradando  
êxule ao povo da coríntia terra,  
ela em tudo concorde com Jasão.  
A segurança torna-se suprema  
quando mulher do esposo não disside.  
Mas ora é tudo imigo, sofre o amor:  
traiu seus filhos e a senhora minha  
Jasão e em núpcias régias vai deitar-se  
co' a filha de Creonte, o soberano.  
Medéia, a miseranda, desonrada  
evoca juramentos, clama a fé  
empenhada: deidades chama testes

1. Tradução de Eurípides. *Medéia* (texto editado por Denys Page), versos 1-266.

do que recebe de Jasão em troca.  
Jaz inane, seu corpo entregue a dores,  
esvaindo-se o tempo todo em lágrimas,  
pós ouvir que seu homem a lesara.  
Nem alça os olhos nem afasta o rosto  
da terra e como pedra ou onda equórea  
condescende aos conselhos dos amigos –  
exceto quando vira o colo alvíssimo  
e deplora consigo o caro pai,  
a terra, a casa que traiu ao vir  
com o varão que desonrada a tem.  
Aprende a desgraçada, no desastre,  
que deixar não se deve o solo pátrio.  
Odeia os filhos; não lhe apraz olhá-los.  
Tremo que trame novidades, pois  
o espírito tem grave e a dor não há  
de suportar: eu a conheço e temo  
que no fígado finque agudo gládio,  
após entrar silente no aposento  
ou que mate o tirano e o que se casa  
e receba depois maior desdita.  
Ela é terrível: quem seu inimigo  
se tornar não trará vitória fácil.  
Mas eis que, findas as corridas, vêm  
as crianças, incôncias das agruras  
da mãe: sofrer não ama a mente nova.

PEDAGOGO – Da casa de Medéia serva prístina,  
por que, às portas, nesta solidão  
estás postada a lamentar teus males?  
Como ela te consente abandoná-la?

NUTRIZ – Velho que segue os filhos de Jasão,  
para bons servos é desastre o azar  
de seus amos e ataca-lhes as almas.  
Pois cheguei a tal grau de dor que veio  
desejo de dizer a terra e céu  
o destino que coube a minha dona.

PEDAGOGO – Já não parou a pobre de planger?

NUTRIZ – Ingênuo! A dor começa: nem meou.

PEDAGOGO – Tola - se posso dizer isso dela...  
Pois dos mais novos males nada sabe.

NUTRIZ – Velho, o que há? Não deixes de explicar!

PEDAGOGO – Nada. Já me arrependo do que disse.

NUTRIZ – Não (rogo!) o ocultes de colega serva!  
Se necessário mantereis silêncio.

PEDAGOGO – Ao ir lá onde os velhos jogam dados,  
junto à água sacra de Pirene, ouvi  
(fingindo não cuidar) alguém dizer  
que estas crianças, com a mãe, de solo  
coríntio banirá o soberano  
Creonte. Se essa história é certa, ignoro.  
Mas gostaria que não fosse assim.

NUTRIZ – Jasão suportará que assim seus filhos  
sofram – mesmo se briga com a mãe?

PEDAGOGO – Velhas cedem às novas alianças,  
e ele não mais é amigo desta casa.

NUTRIZ – Perecemos então, se apomos novo  
mal ao velho que não se hauriu ainda.

PEDAGOGO – Mas tu – pois não é hora de sabê-lo  
a dona – fica calma e cala as novas.

NUTRIZ – Filhos, ouvis como é convosco o pai?  
Que ele morra... Mas não! Pois é meu dono!  
Mas é certo que é mau com seus amigos.

PEDAGOGO - Mas quem não é? Percebes já que todo  
mortal ama a si mesmo mais que ao próximo  
[uns com justiça, outros pelo ganho]:  
não mais os ama o pai, por novas núpcias.

NUTRIZ – É melhor irdes para dentro, filhos;  
tu, ao máximo tem-nos isolados

e não os chegues à abatida mãe,  
pois já a vi fitá-los táurea, como  
se a tramar algo, nem será sua raiva  
finda (sei) antes que fulmine alguém.  
Que contra os hostes – não amigos – trame!

MEDÉIA – Heu,  
pobre de mim, triste de dores,  
heu, heu, quisera perecer!

NUTRIZ – Eis, caros filhos: vossa mãe  
remói-se o peito, remói raiva.  
Ide céleres para dentro  
e não deixeis que ela vos veja  
nem vos chegueis, mas evitai  
fero gênio e torva natura  
de cor altivo!  
Rápido, ide já para dentro!  
Logo inflamará com mais fúria  
nuvem de lamúria ascendente  
desde o começo. O que fará  
a indômita megalosplâncnica  
alma remordida de males?

MEDÉIA – Ai ai,  
vale grande pranto o que sofro,  
sofro, infeliz. Ó execráveis  
filhos de horrenda mãe, morrei  
com o pai – e que caia a casa!

NUTRIZ – Heu, infeliz,  
que têm teus filhos com a falha  
do pai? Por que os odeias? Ai,  
filhos, temo que sofras algo!  
É atroz de tiranos a têmpera:  
raro obedecem, mandam muito  
e rudemente mudam ânimo.  
Melhor é a vida em equidade.  
Que eu possa envelhecer segura  
cercada dos que não são grandes!  
O nome da moderação

já vence e seu uso é profícuo  
(e muito!) aos mortais. Mas o excesso  
é inoportuno, nada pode  
e traz maior ruína quando  
um deus se agasta contra a casa.

CORO – Ouvi vozes, ouvi gritos  
da pobre vinda da Cólquida,  
inda não mansa. Mas, velha,  
fala! Do soportal gritos dentro da sala  
ouvi; não me comprazo, ó mulher, com as dores  
da casa, pois é cara para mim.

NUTRIZ – Não há mais casa. Foi-se já.  
Ele é presa de leito régio,  
ela esvai sua vida no tálamo,  
a dona, e de amigo nenhum  
voz nenhuma aquece-lhe o peito.

MEDÉIA – Ai ai!  
Fenda-me a testa flama célica!  
Que lucro há no meu viver?  
Que se me dissolvesse a vida  
hórrida, que confio à morte!

CORO – Ouves – ó Zeus, terra e luz –  
que som entoa a infeliz  
esposa?  
O que é tal amor teu  
do leito tetro, ó vã?  
Apressas o fim fatal?  
Não o supliques!  
Se teu marido  
novo tálamo venera,  
isso é comum. Não te acerbes:  
defender-te-á Zeus. Não te consumas  
demais a planger teu cônjuge!

MEDÉIA – Grande Têmis, soberana Ártemis,  
vedes o que sofro, ligada  
com grandes juras a marido

pérfido? Que inda eu possa vê-lo,  
a noiva e a casa lacerados!  
Ousaram lesar-me primeiro.  
Ó pai, ó pátria que em opróbrio  
deixei, pós matar meu irmão!

NUTRIZ – Ouvis o que diz, como evoca  
Têmis votiva e Zeus que guarda  
de juras julgam os mortais?  
Não há modo de em pouca coisa  
a senhora cessar sua raiva!

CORO – Como a nós fazê-la vir  
e ouvir da palavra dita  
o som,  
para ver se deporá  
ira grave e ardor de ânimo?  
Meu zelo ao menos não faça  
falta aos amigos!  
Mas vai e trá-la  
cá fora de casa e diz-lhe:  
também nós somos amigos!  
Fá-lo veloz, antes que fira alguém:  
sua dor prorrompe com ímpeto.

NUTRIZ – Faço-o, mas temo não persuada  
minha senhora.  
Contudo dou-me adrede à lide.  
Mas, como leoa puérpera,  
fixa táurea os servos se um deles  
avança a levar-lhe conselhos.  
Não erra quem diz íncios, *gauches*  
os mortais que antanho criaram  
hinos para festividades,  
para bodos e para bródios,  
gaias melodias de vida.  
Mas ninguém sabe como estígeos  
lutos cessar – causa de mortes  
e atos casos que rasam casas –  
com a musa e odes policórdias.  
E que lucro, curar tais lutos

com cantos! Mas se há lautas festas,  
 por que em vão elevam a voz?  
 Pois o pleno pasto presente  
 por si já dá gozo aos mortais.

CORO – Ouvi som  
 gemente de guais;  
 estrídulos grita sons lúgubres  
 contra esposastro infido em leito.  
 Lesada, evoca a filha  
 de Zeus, Têmis das juras, que a fez ir  
 para a Hélade opósita,  
 em pélago noturno, pelo impérvio  
 salso fecho do Ponto

MEDÉIA – Mulheres de Corinto, vim aqui  
 para não me acoimardes: sei que altivos  
 são muitos dos mortais – alguns, não vistos;  
 outros, publicamente. Mas há quem,  
 por ter pé tardo, seja dito ignavo.  
 Em olhos de mortais não há justiça,  
 se um homem, não lesado, à prima vista  
 outro odeia, sem o imo conhecer-lhe.  
 Deve ceder muito à cidade o ádvena.  
 Mas não aprovo presunçoso autóctone  
 que por insciência é invisível aos cidadãos.  
 Esta sorte que rui sobre mim súbita  
 rompeu-me a alma; parto pois perdi  
 prazer de vida: quero a morte, amigas!  
 O esposo que era tudo para mim  
 tornou-se – bem o sabe – o pior dos homens.  
 De quantos seres alma e mente têm,  
 nós os mais míseros, mulheres, somos.  
 Com grande dote cabe-nos comprar  
 marido que há de ser de nosso corpo  
 dono – e é esse o mal mais doloroso.  
 E o ponto crítico: um dono mau  
 ou bom? Para mulher não há divórcio  
 probado e é vedado rejeitar marido;  
 entre novos costumes, novas leis,  
 resta-lhe adivinhar (não aprendeu

em casa) como bem lidar com cônjuge.  
E se passamos por tal pena, e esposo  
conosco se conjuga de bom grado,  
vida invejável! Se não, urge a morte.  
Quando um marido oprimem os de casa,  
vai para fora e cessa o tédio do ânimo  
[junto com um amigo ou coetâneo].  
A nós, dever de ver uma alma só.  
Dizem que havemos vida imperigosa  
no lar e eles, porém, com lança lutam;  
pensam mal, pois três vezes prefiro égide  
empunhar a parir uma só vez.  
Mas não se aplica a nós a mesma lógica:  
tens esta pátria, a casa de teu pai,  
confortos, companhia dos amigos;  
eu, só, apátrida, butim de bárbara  
terra, sou ultrajada pelo esposo;  
não tenho mãe, irmão, nenhum parente  
em que desta procela encontre abrigo.  
Então só isto quero obter de ti:  
se eu puder achar meio ou mecanismo  
para que o esposo expie essas vilezas  
[e aquele que lhe deu nubente filha],  
silêncio! Pois mulher de medo é plena,  
vil para a luta e quando mira lâmina;  
mas sempre que no leito ela é lesada,  
não há temperamento mais carnífice.